

O QUÊ É A ESCOLA DE CHEFES DA FEDERAÇÃO PAULISTA DE ESCOTEIROS



Para definir o título acima com melhor propriedade deveríamos dizer: O que é uma Escola de Chefes, pois a nossa não tem a pretensão de trazer inovações para o escotismo, dando-se por muito bem paga dos seus trabalhos se conseguir aplicar o que o Movimento já tem de bom.

A decisão de fazer escotismo tal qual ele é, sem mais nem menos, foi a melhor prova de sabedoria que a atual diretoria da F. P. E. poderia ter dado. Os trabalhos ficaram, desta forma, grandemente simplificados, além de se ter tido, de antemão, a felicidade de contar com o êxito assegurado. Praticar escotismo, sem efes nem erres adicionais na sua estrutura básica, torna-se tarefa tão fácil quão encantadora. Tão simples quanto deslumbrante e tão segura no seu bom resultado quanto despida de probabilidades de afundar-se a gente aqui ou além, em sinuosidades apenas levianas, algumas vèzes, outras redondamente erradas.

Notei, não há muito tempo, que as introduções aos regulamentos de cursos de chefes para lobinhos, escoteiros e pioneiros — embora escritos em épocas muito diferentes para uma das escolas de chefes de maior fama mundial, timbravam tôdas em repetir que os seus programas não subentendiam deverem ser seguidos à risca, palavra por palavra, mas que se destinavam a dar o sentido geral da finalidade no preparo de um chefe. Isto quer dizer que o escotismo não tem dogmas ou leis imutáveis, mas o essencial é que sejam seguidas as suas linhas mestras. O próprio Baden Powell escreveu que as provas devem servir como transmissão da prática adquirida pelos mais experimentados como ajuda aos novatos para que possam "pescar" o fio da meada mais rápida e eficientemente.

Em síntese, o escotismo não passa da união de pessoas de tôdas as classes, de tôdas as religiões, de tôdas as idades, que

decidiram viver procedendo de maneira voluntariamente correta e alegre, dentro da interpretação legítima das leis sociais da sua Pátria.

O momento atual, então, diante de um mundo que se convulsiona, freme e se entredevora; onde a razão deve ceder ao músculo; a consciência curvar-se à conveniência; a moral substituída por sucedâneos que fariam corar ao zulú mais selvagem do "hinterland" africano, num mundo destes, repito, o escotismo é um oasis onde o corpo encontra o descanso e a sombra amiga de uma atividade salutar, e o espírito repousa na fraternidade cavalheiresca e convidativa de companheiros despretenciosos e desinteressados.



"Canto de Patrulha" na Escola de Chefes Escoteiros da F. P. E.

Uma escola destinada ao preparo de chefes adquire pois, neste conjunto, um papel de relevante importância.

Tendo sido interrogado quanto tempo leva uma pessoa para tornar-se chefe, respondi: Quinze minutos ou quinze anos. Depois expliquei que o segredo do nosso

movimento não está em saber nadar, cozinhar, derrubar uma árvore num sentido determinado ou transpor um abismo. O verdadeiro segredo está em interpretar cabalmente o que convencionou-se chamar de "espírito escoteiro". Isto sintetiza compreensão das finalidades do movi-



Coleção de animais venenosos do Museu de História Natural da Escola de Dirigentes Escoteiros da F. P. E.

mento, seus métodos e maneira de aplicá-los.

O ministro da Educação da Grã Bretanha, sr. R. A. Butler, contou aos escoteiros durante um acampamento em agosto último o seguinte: "Quando estou em casa com minha família e querem saber se estou falando sério ou não, eles me perguntam — Palavra de escoteiro? — e quando eu digo "Palavra de escoteiro", então todos sabem que o negócio é sério e precisa ser feito".



O Curso de Chefes de 1944, mantido pela F. P. E., processa-se com toda a normalidade prevista.

Sem temer incidir no erro comum do exagero, pôde-se afirmar que o curso está sendo um sucesso no mais amplo sentido da palavra. Nele acham-se inscritos elementos da mais fina tempera, o que permite ao escotismo transformá-los em chefes excelentes, grandiosa e única finalidade que tem em vista. Participam do curso pessoas de grande valor intelectual e social, irmanados todos na mais perfei-

ta camaradagem e identidade de pontos-de-vista. Eu, a quem coube chefia-los — posso garantir que muitos dos assuntos tratados no programa do curso, encontram neles pessoas experimentadas e alguns verdadeiros técnicos, podendo dar-me, se lhes aprouvesse, ótimas lições sobre o assunto. . . Alguns deles, morando fora de São Paulo, devem fazer cada vez que se dirigem à sede, cerca de 70 quilômetros, de trem, ônibus, bonde e caminhão. Quase todos devem largar afazeres importantes. Mas nenhum deles, porém, foi sequer sugerido e muito menos forçado a proceder assim. Fazem-no porque querem. Esta é a melhor arma do escotismo.

O espírito escoteiro reinante entre eles — pivot do nosso movimento — é dos mais nobres, difundindo-se em alegre e sincera camaradagem. O processo seguido do chefe identificar-se com os demais, provou, mais esta vez, ótimos resultados. Por este processo é bastante difícil a qualquer pessoa que nos observe distinguir quem é que manda e quais são os que obedecem. Nada de gritos ou ordens napoleônicas. Todos transportam o seu material. Todos trabalham, repartem a sua sabedoria e aprendem igualmente.

O resultado técnico também é bastante satisfatório. Além do programa clássico do regulamento, desenvolvido com grande facilidade e extrema naturalidade — levando-se as coisas sempre o mais possível para o terreno prático — sobrou ainda tempo para o curso, apesar de relativamente rápido, apresentar contribuições seriamente úteis para o Movimento, podendo-se enumerar — entre elas — as seguintes:

Telémetro modelo "A";
Telémetro modelo "B";
Novo tipo de fogão individual;
Novo tipo de barraca;
Gráfômetro e Clinômetro de bolso, para medir ângulos horizontais e verticais.

Este material e aparelhos foram ideados pelos próprios alu-

nos-chefes e quase todos os produziram e os utilizaram com resultados bastante satisfatórios. Seria interessante contar, por exemplo, como nasceu o telémetro modelo "B". Tinha sido idealizado, construído e estava sendo utilizado o de modelo "A", constatada a sua esplêndida exatidão e estava sendo feita uma demonstração a uma bandeirante que o examinou, experimentou e gostou mas. . . queria saber porque é que se precisava saber a altura do objetivo visado e, particularmente, porque é que o dito objetivo havia sido calculado para 1m.70. Apesar de cabulosa a pergunta, foi explicado que um e setenta era a altura normal de um homem e. . . que já aquilo que estava ali havia consumido muito fosfato para tornar-se realidade, sendo aconselhável gostar dele como ele era e não como "deveria" ser. Para tornar curto o assunto vou resumir que tendo sido feito novo apêlo ao fosfato e habilidade escoteira, na próxima reunião surgiu o Telémetro modelo "B", com o aperfeiçoa-



Coleção de Zoologia do Museu de História Natural da F. P. E.

mento de poder medir distâncias com objetivo de qualquer altura. . .

A respeito do curso é interessante saber-se, também, que conseguiu chegar quase ao seu termo sem acarretar despesa alguma ao patrimônio da Federação. Esta é mais uma prova de que o escotismo também sabe realizar milagres.

Continua

Embora as atividades do curso se tenham processado com regularidade matemática — realizadas tôdas dentro das datas marcadas — entra agora o Curso de Chefes num período de férias forçadas, pelo afastamento de São Paulo da maioria dos seus

elementos. Será reaberto a 26 de janeiro próximo, para completar as quatro atividades que ainda faltam: 1 excursão, 1 acampamento e 2 reuniões, além das provas da parte teórica do programa.

Em ocasião oportuna será assentada a data certa para a entrega dos certificados, cujo estudo e confecção já estão bem encaminhados.

J. SPINA.